

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**NATHÁLIA MATTOS PASSAGEM**

**O CARNAVAL CARIOCA DE 1988 COMO ESPAÇO DE  
RESISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÃO DA LIBERDADE: OS  
SAMBAS-ENREDO DA ESTAÇÃO PRIMEIRA DE  
MANGUEIRA E DA UNIDOS DE VILA ISABEL NO  
CENTENÁRIO DA ABOLIÇÃO**

Rio de Janeiro  
2026



NATHÁLIA MATTOS PASSAGEM

**O CARNAVAL CARIOCA DE 1988 COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E  
RESSIGNIFICAÇÃO DA LIBERDADE: OS SAMBAS-ENREDO DA ESTAÇÃO  
PRIMEIRA DE MANGUEIRA E DA UNIDOS DE VILA ISABEL NO CENTENÁRIO  
DA ABOLIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Departamento de História do Colégio  
Pedro II como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em História

Orientador: Prof. Gabriel Pereira Léccas Dias

Rio de Janeiro  
2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Ficha catalográfica elaborada por Felipe José Lêdo (CRB7 nº 6967/O),  
bibliotecário do Colégio Pedro II, Campus Realengo II.

P286c

Passagem, Nathália Mattos

O carnaval carioca de 1988 como espaço de resistência e ressignificação da liberdade: os sambas-enredo da Estação Primeira de Mangueira e da Unidos de Vila Isabel no centenário da abolição / Nathália Mattos Passagem – Rio de Janeiro: [s.n.], 2026.

39 p.

Orientador: Prof. Me. Gabriel Pereira Léccas Dias.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Colégio Pedro II,  
Curso de Licenciatura em História.

1. Carnaval – Rio de Janeiro. 2. Samba-enredo. 3. Escravidão. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Memória. I. Dias, Gabriel Pereira Léccas (Orientador). II. Colégio Pedro II. III. Licenciatura em História. IV. Título.

CDD 907

**NATHÁLIA MATTOS PASSAGEM**

**O CARNAVAL CARIOCA DE 1988 COMO ESPAÇO DE RESISTÊNCIA E  
RESSIGNIFICAÇÃO DA LIBERDADE: OS SAMBAS-ENREDO DA ESTAÇÃO  
PRIMEIRA DE MANGUEIRA E DA UNIDOS DE VILA ISABEL NO CENTENÁRIO  
DA ABOLIÇÃO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado  
ao Departamento de História do Colégio  
Pedro II como requisito parcial para a  
obtenção do título de Licenciada em História

Orientador: Gabriel Pereira Léccas Dias

Aprovado em 26 de maio de 2026

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Me. Gabriel Pereira Léccas Dias  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Prof. Dr. Brunno Oliveira Araujo  
Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2026

Esse trabalho de conclusão é dedicado à minha família:  
a base da minha vida e a quem eu devo tudo.

## AGRADECIMENTOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso, muito mais do que uma exigência acadêmica, simboliza uma conquista que só foi possível graças ao apoio, amor e presença de pessoas que caminharam comigo.

Aos meus pais, minha base, meu alicerce e meu porto seguro. Obrigada por cada momento de cuidado, por cada palavra de incentivo e, principalmente, por acreditarem em mim até mesmo quando eu duvidava. Vocês me ensinaram a ser forte e a não desistir quando as coisas saíssem dos planos. Todo esforço valeu a pena porque sei o quanto vocês torceram e se doaram por esse momento. Amo vocês mais do que poderia colocar em palavras.

À minha irmã, que sempre foi meu exemplo de determinação, foco e brilhantismo. Obrigada por estar comigo nos dias bons e ruins, por cada conversa, cada desabafo, cada risada, cada choro e por nunca deixar que eu me sentisse sozinha. Ter você é um presente que a vida me deu. Te devo uma vida inteira. Que bom poder viver contigo.

Aos meus avós, que sempre foram sinônimo de amor, sabedoria e generosidade. Obrigada por cada oração, cada conselho, cada gesto de carinho e apoio silencioso, mas poderoso. A presença de vocês em minha vida é um privilégio que carrego com imensa gratidão.

À minha família como um todo, cada um com seu jeito especial de torcer por mim, de demonstrar carinho, de vibrar a cada conquista. Saber que tenho vocês comigo me deu forças nos momentos em que pensei em desistir.

Aos meus amados já desencarnados, levo comigo suas memórias como uma luz que continua a me guiar. Esta conquista também é de vocês, e espero que, de onde estiverem, possam se orgulhar.

Às minhas companheiras de vida, Maynara, que foi o encontro de almas da minha vida, que se tornou parte de mim e me adotou como família, que desde sempre esteve disposta a se colocar à frente de qualquer problema que pudesse me afligir e tomá-lo como dela própria e por quem sou imensamente grata. Você é um dos grandes amores da minha vida. Bianca, minha mais antiga e fiel escudeira. Esteve comigo, sendo família, me amando e apoiando em todas as fases e versões da minha vida.

Faz parte de quem eu fui e de quem eu sou. É um privilégio poder descobrir e viver mais uma versão minha ao seu lado. Obrigada por tanto.

Às minhas amigas de curso, que foram abrigo, alegria e cumplicidade ao longo desses quase cinco anos de percurso. Vocês dividiram comigo os pesos e os sorrisos, e me ajudaram a manter a sanidade nos momentos mais difíceis. Sou imensamente grata por cada palavra de apoio, cada abraço e cada demonstração de carinho.

A todos vocês, meu mais sincero e profundo agradecimento. Este trabalho também é de vocês.

E ao samba...minha paixão, minha identidade, meu lar. Foi através dele que encontrei força, expressão e verdade. E foi no Império Serrano, meu lugar de alma, que tudo isso se concretizou. Mais do que uma escola de samba, o Império me deu uma família fora do sangue. Me acolheu, me moldou, me formou, me ensinou sobre resistência, coletividade, orgulho e história. Foi na quadra, no ensaio e na avenida que encontrei pertencimento e gente que fala a mesma língua que o meu coração. O Império é casa, é raiz, é herança, é sonho e muito do que sou hoje, carrego com orgulho por tudo o que aprendi e vivi sob esse pavilhão. Obrigada, meu rei!

Todo o meu respeito, amor, carinho e gratidão.

## RESUMO

Esta pesquisa analisa como os conceitos de liberdade foram representados nos sambas-enredo da Estação Primeira de Mangueira e da Unidos de Vila Isabel em 1988, ano do centenário da abolição da escravidão no Brasil. Por meio de pesquisa bibliográfica, análise documental e interpretação estética, investigam-se os sambas-enredo “*Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?*” e “*Kizomba, Festa da Raça*”, compreendendo-os como discursos políticos e de resistência cultural que questionam a narrativa oficial do “fim da escravidão” como sinônimo de liberdade plena. A análise evidencia que o carnaval se constitui como espaço de disputa simbólica, de preservação da memória coletiva e de afirmação da identidade negra, ao mesmo tempo em que promove a valorização da cultura afro-brasileira e denuncia as permanências do racismo estrutural. O estudo demonstra ainda como o samba-enredo pode ser reconhecido como fonte histórica legítima e como instrumento de educação popular. Ao articular cultura e política este trabalho contribui para os debates contemporâneos sobre cidadania, resistência e a importância das manifestações culturais na construção de uma sociedade mais justa e plural.

**Palavras-chave:** Liberdade; Samba-enredo; Carnaval; Memória; Resistência; Identidade negra; Abolição; Cultura afro-brasileira

## ABSTRACT

This research analyzes how the concepts of freedom were represented in the 1988 parades of Estação Primeira de Mangueira and Unidos de Vila Isabel, the year marking the centenary of the abolition of slavery in Brazil. Through bibliographic research, documentary analysis, and aesthetic interpretation, the study examines the narratives “Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?” and “Kizomba, Festa da Raça”, understanding them as political and cultural resistance discourses that challenge the official narrative of the “end of slavery” as synonymous with full freedom. The analysis demonstrates that Carnival functions as a space for symbolic struggle, the preservation of collective memory, and the affirmation of Black identity, while simultaneously promoting the appreciation of Afro-Brazilian culture and denouncing the persistence of structural racism. The study further shows how samba-enredo can be recognized as a legitimate historical source and a tool for popular education. By articulating culture and politics this work contributes to contemporary debates on citizenship, resistance, and the role of cultural expressions in building a more just and plural society.

**Keywords:** Freedom; Samba-enredo; Carnival; Memory; Resistance; Black Identity; Abolition; Afro-Brazilian Culture

## RESUMEN

Esta investigación analiza cómo se representaron los conceptos de libertad en los sambas-enredo de 1988 de la Estación Primera de Mangueira y de Unidos de Vila Isabel, año que marcó el centenario de la abolición de la esclavitud en Brasil. A través de investigación bibliográfica, análisis documental e interpretación estética, el estudio examina los sambas-enredo “*Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?*” y “*Ki-zomba, Festa da Raça*”, comprendidos como discursos políticos y de resistencia cul-tural que cuestionan la narrativa oficial del “fin de la esclavitud” como sinónimo de libertad plena. El análisis evidencia que el Carnaval se constituye como un espacio de disputa simbólica, de preservación de la memoria colectiva y de afirmación de la identidad negra, al mismo tiempo que promueve la valoración de la cultura afrobrasileña y denuncia las persistencias del racismo estructural. El estudio también demuestra cómo el samba-enredo, frecuentemente subestimado en el ámbito académico, puede ser reconocido como fuente histórica legítima e instrumento de educación popular. Al articular cultura, política y pedagogía, este trabajo contribuye a los debates contemporáneos sobre ciudadanía, resistencia y la importancia de las manifestaciones culturales en la construcción de una sociedad más justa y plural.

**Palabras clave:** Libertad; Samba-enredo; Carnaval; Memoria; Resistencia; Identidad negra; Abolición; Cultura afrobrasileña

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. ABOLIÇÃO EM DEBATE NO CENTENÁRIO.....	13
2. ESCOLA DE SAMBA MANGUEIRA: “CEM ANOS DE LIBERDADE: REALIDADE OU ILUSÃO?”.....	20
3. ESCOLA DE SAMBA UNIDOS DE VILA ISABEL: “KIZOMBA, FESTA DA RAÇA”.....	26
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	38

## INTRODUÇÃO

A liberdade constitui um dos conceitos mais relevantes e disputados ao longo dos últimos dois séculos. No contexto brasileiro, entretanto, esse termo adquire uma relevância por estar intrinsecamente marcado pela experiência da escravidão e pelas desigualdades persistentes após a assinatura da Lei Áurea em 1888. A distinção entre liberdade formal e liberdade real revela-se central: enquanto a primeira diz respeito a garantias legais, a segunda refere-se às condições materiais, sociais e culturais que possibilitam o exercício pleno da cidadania.

Ao mesmo tempo, a liberdade assume dimensões simbólicas expressas nas manifestações culturais, sobretudo naquelas produzidas pelas comunidades negras, como o samba e o carnaval. No ano de 1988, quando o país celebrava o centenário da abolição, escolas de samba como a Mangueira e a Vila Isabel transformaram a Marquês de Sapucaí em espaço de debate político e social, ressignificando narrativas históricas e questionando a eficácia da abolição da escravidão na superação das desigualdades raciais no país.

Este trabalho propõe analisar de que forma os conceitos de liberdade foram representados e discutidos nos sambas-enredo de 1988, particularmente em Mangueira e Vila Isabel. A pesquisa busca contribuir para uma compreensão mais ampla de como o carnaval, enquanto manifestação cultural, funciona como instrumento de resistência, memória e educação popular, ampliando o entendimento do papel das escolas de samba na construção da identidade negra no Brasil.

A escolha deste tema justifica-se por sua relevância acadêmica, social e cultural. Academicamente, o estudo contribui para o aprofundamento da compreensão sobre a liberdade no Brasil, articulando conceitos teóricos a práticas culturais populares. Socialmente, o trabalho evidencia o papel das escolas de samba como agentes de resistência e educação, revelando como o carnaval pode ser uma arena de debate sobre desigualdade, racismo e cidadania. Culturalmente, a pesquisa valoriza as expressões afro-brasileiras e a memória coletiva de comunidades que, historicamente, foram silenciadas, reconhecendo nessas expressões instrumentos de afirmação identitária e de luta política.

Dessa forma, buscamos não apenas compreender o passado, mas também contribuir para reflexões contemporâneas sobre o presente e mostrar que o estudo da cultura popular é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Além das questões acadêmicas, a escolha temática deste trabalho parte de uma motivação profundamente pessoal. Eu, como integrante da bateria da escola de samba Império Serrano, vivo de perto a potência que o samba carrega como expressão de identidade, resistência e liberdade. Mais do que um gênero musical, o samba representa uma herança ancestral, um elo vivo com a história da população negra no Brasil e uma forma de manter vivas as vozes daqueles que foram historicamente silenciados.

Participar e pertencer à escola de samba me fez compreender que o samba é uma narrativa coletiva de luta, de celebração e, sobretudo, de liberdade, um valor que ganha ainda mais significado quando relacionado ao centenário da abolição da escravidão, marco histórico que inspira este trabalho. Nesse contexto, este estudo nasce da necessidade de compreender, valorizar e dar visibilidade ao papel do samba como símbolo histórico e cultural da luta por liberdade no Brasil.

Portanto, investigaremos como os sambas-enredo da Mangueira e da Vila Isa-bel, em 1988, no centenário da abolição da escravidão, elaboram sentidos de liberdade transformando o carnaval em espaço de resistência, memória e afirmação cultural. Além disso, analisaremos os conceitos de liberdade a partir de uma perspectiva histórica, evidenciando suas dimensões no contexto brasileiro. O presente trabalho adota uma abordagem qualitativa e interdisciplinar, articulando fundamentos teóricos da história, da sociologia, da filosofia e dos estudos culturais.

A metodologia compreende três eixos principais, sendo eles a pesquisa bibliográfica, que engloba o levantamento e análise de obras de referência sobre liberdade, escravidão, racismo estrutural, movimentos negros e carnaval, incluindo autores como Frantz Fanon, Lélia Gonzalez, Abdias do Nascimento, Clóvis Moura, Stuart Hall, Luiz Antonio Simas e Silvio Almeida. A análise documental, onde é feito o estudo dos sambas-enredo, de modo a compreender a narrativa construída pelas escolas e sua recepção pelo público e pela crítica especializada. E finalmente, a análise cultural e estética, na qual ocorre de fato a interpretação dos sambas-enredo, considerando sua dimensão simbólica como forma de educação popular e resistência cultural.

## 1. A ABOLIÇÃO EM DEBATE NO CENTENÁRIO

A liberdade, enquanto conceito filosófico, jurídico e social, apresenta-se como um dos temas mais debatidos no decorrer dos últimos dois séculos. Nas diferentes sociedades, ao longo dos séculos, a noção de ser livre foi associada a direitos civis, à autonomia individual, à capacidade de escolha, mas também à conquista de condições materiais que garantam dignidade e igualdade. No caso brasileiro, esse conceito adquire contornos ainda mais complexos, pois está profundamente marcado pela experiência da escravidão e por suas permanências no pós-abolição. Examinar o significado de liberdade, portanto, implica compreender os diferentes níveis de sua apropriação e disputa, sobretudo pelas populações negras que, mesmo após a assinatura da Lei Áurea em 1888, continuaram a enfrentar estruturas de opressão e desigualdade.

A abolição extinguiu juridicamente a escravidão, mas não ofereceu aos ex-es-cravizados mecanismos de inserção social, econômica e cultural. Não houve reforma agrária, indenizações, políticas de reparação ou acesso sistemático à educação. A liberdade, portanto, permaneceu restrita ao plano formal, sem se concretizar como igualdade jurídica e maior inclusão social dos libertos. Essa distinção é fundamental: a liberdade formal diz respeito à garantia legal de que todos são iguais perante a lei; já a liberdade real envolve condições objetivas de sobrevivência e cidadania, que no Brasil permaneceram ausentes para a população negra.

O filósofo e psiquiatra Frantz Fanon, ao analisar o colonialismo, já destacava que não basta proclamar a independência ou abolir uma ordem opressiva para que os sujeitos colonizados se tornem efetivamente livres. Para ele, a libertação exige a reconstrução das condições de existência, a recuperação da dignidade e a possibilidade de exercer plenamente a humanidade (Fanon, 1968). Essa leitura dialoga com o contexto brasileiro: após 1888, a população negra foi lançada à marginalidade, sem terras, sem oportunidades de trabalho digno e submetida a uma lógica racista que negava sua plena cidadania. O mito da “democracia racial”, forjado ao longo dos séculos XIX e XX, buscou mascarar essas contradições, criando a imagem de uma sociedade harmoniosa, enquanto a permanência do racismo perpetuava desigualdades.

Intelectuais como Lélia Gonzalez (1984), Abdias do Nascimento (1978) e Clóvis Moura (2014) aprofundaram esse debate no Brasil, denunciando como a abolição inacabada gerou um ciclo de exclusão. Para Lélia Gonzalez, a liberdade só pode ser entendida a partir da perspectiva das mulheres negras, que sofreram de maneira específica os efeitos do racismo e do sexismo. Abdias do Nascimento, por sua vez, des-tacou que a verdadeira liberdade estaria vinculada ao reconhecimento do protagonismo negro e à valorização de suas culturas. Clóvis Moura evidenciou como a resistência dos quilombos, longe de ser episódica, constituiu um projeto permanente de liberdade real, pois os quilombolas não buscavam apenas escapar da escravidão, mas construir comunidades autônomas e solidárias.

Esse debate ganha força no Brasil contemporâneo, sobretudo no período que antecedeu o centenário da abolição, em 1988. Movimentos negros organizados passaram a denunciar que não havia motivos para comemorar o “fim da escravidão” se a maioria da população negra continuava sem acesso a direitos básicos. Cartazes e protestos da época difundiam a palavra de ordem: “13 de Maio: Dia de Luto, não de Festa”. Essa mobilização evidenciava a necessidade de reinterpretção do conceito de liberdade à luz da realidade concreta, questionando a narrativa oficial que exaltava a Princesa Isabel como redentora. Para esses movimentos, a liberdade verdadeira não poderia ser concedida de cima para baixo, mas sim construída a partir da luta coletiva e da resistência (Pinto, 2018).

Nesse quadro, o dia 13 de maio ocupa lugar central na disputa em torno do significado da liberdade no Brasil. Oficialmente consagrado como data da abolição da escravidão, o 13 de maio foi, ao longo do tempo, apropriado por narrativas que exaltaram a Lei Áurea como gesto benevolente do Estado, apagando o protagonismo negro e as lutas históricas contra o regime escravista. No entanto, como demonstram os debates mobilizados por intelectuais e movimentos negros, essa data revela sobretudo os limites da liberdade formal, uma vez que a extinção jurídica da escravidão não foi acompanhada da garantia de condições materiais de existência, cidadania e dignidade para a população negra.

A resignificação do 13 de maio como “Dia de Luto”, especialmente no contexto do centenário da abolição, evidencia que a liberdade no Brasil permanece um projeto inacabado, marcado por ausências, silenciamentos e desigualdades persistentes. Assim, a data deixa de ser apenas uma efeméride comemorativa e passa a constituir um

marco crítico, a partir do qual se questionam as promessas não cumpridas da abolição e se reafirma a liberdade como luta histórica, social e simbólica em permanente construção (Nascimento, 1978).

A dimensão simbólica da liberdade também se manifesta na cultura popular, especialmente nas expressões artísticas das comunidades negras. A música, a literatura, o teatro e o carnaval tornaram-se espaços de afirmação de uma liberdade estética e política. No carnaval carioca, em particular, as escolas de samba se tornaram veículos para narrar histórias silenciadas, resgatar memórias e propor interpretações críticas da realidade brasileira. Assim, o conceito de liberdade extrapola o campo jurídico e se converte em prática cultural, vinculada à preservação da memória e à criação de identidades coletivas.

Outro ponto relevante é compreender a liberdade como projeto inacabado. Ao longo do século XX e início do XXI, a luta contra o racismo estrutural e as políticas de exclusão mantiveram-se centrais nas agendas de organizações negras. A conquista de leis antidiscriminatórias, de cotas raciais e de políticas afirmativas, embora importantes, não esgotam o sentido de liberdade. A experiência brasileira revela que a liberdade é um processo histórico, permanentemente tensionado entre avanços e retrocessos, entre conquistas formais e desigualdades persistentes.

Nesse sentido, refletir sobre a liberdade implica também reconhecer suas ausências históricas e contemporâneas. Conforme analisa Lilia Schwarcz, a formação social brasileira foi marcada por estruturas autoritárias herdadas do período colonial e escravista, cujos efeitos persistem no presente por meio da desigualdade, da violência e da naturalização da exclusão social. A permanência do trabalho em condições análogas à escravidão e a violência policial direcionada majoritariamente contra a população negra revelam como o direito à vida e à dignidade segue sendo seletivamente negado. Assim, a liberdade não pode ser compreendida apenas como uma conquista jurídica do passado, mas como um processo inacabado e uma luta contínua no Brasil contemporâneo (Schwarcz, 2019).

Ao relacionar essas reflexões com as manifestações culturais, compreende-se por que, em 1988, o carnaval carioca se tornou palco de um intenso debate político. Escolas de samba como a Unidos de Vila Isabel e a Estação Primeira de Mangueira escolheram como enredos a questão da liberdade, denunciando contradições históricas e celebrando a resistência. Essas agremiações articularam a linguagem estética

do samba-enredo com o discurso político dos movimentos negros, mostrando que a liberdade é também narrativa, memória e disputa simbólica. Essa perspectiva permite compreender por que, em 1988, o carnaval tornou-se espaço privilegiado de debate. No entanto, antes de se manifestar de forma tão evidente na Avenida, essa disputa já se desenhava em diferentes esferas da sociedade brasileira, especialmente no campo da memória histórica, no qual diferentes agentes sociais buscavam redefinir os sentidos do passado à luz das demandas do presente.

O centenário da abolição da escravidão, celebrado em 1988, constituiu-se como um momento de intensa disputa em torno da memória no Brasil. Longe de produzir uma narrativa consensual, a efeméride do 13 de maio revelou a coexistência de interpretações conflitantes acerca do significado da liberdade conquistada em 1888. Nos materiais documentais analisados, observa-se a problematização da ideia de que a abolição teria representado uma ruptura efetiva com o passado escravista, destacando-se, ao contrário, a permanência de desigualdades sociais e raciais profundamente enraizadas.

No âmbito das produções culturais, essa disputa assume contornos particularmente expressivos no documentário *Abolição* (1988), dirigido por Zózimo Bulbul. A obra, amplamente difundida e retomada nos registros audiovisuais analisados, propõe uma inflexão crítica ao deslocar o foco da narrativa tradicional para as experiências da população negra no pós-abolição. Ao reunir depoimentos, imagens de arquivo e manifestações culturais, o documentário evidencia que a liberdade jurídica não foi acompanhada de inclusão social efetiva, reforçando a ideia de que a abolição permaneceu incompleta. Em diferentes trechos, os entrevistados ressaltam que “a liberdade não veio de fato”, apontando para a continuidade de condições de marginalização, o que reforça a leitura da memória como campo de disputa e não como consenso (Bul-bul, 1988).

Paralelamente, os conteúdos audiovisuais analisados, incluindo reportagens televisivas e registros históricos disponíveis em plataformas digitais, demonstram que o centenário foi marcado por uma forte presença de discursos críticos na esfera pública. Esses materiais evidenciam manifestações do movimento negro, campanhas culturais e debates que questionavam diretamente a celebração do 13 de maio como marco suficiente de liberdade. Exemplos como a retrospectiva 1988 da Rede Globo e a Marcha do Centenário destacaram a defesa de que o centenário deveria ser um

momento de reflexão e não de comemoração, ecoando a ideia amplamente difundida à época de que o “13 de maio é dia de luta”, e não apenas de celebração (Cultne, 2021; Cultne, 2023; Olhar Antigo, 2023).

Em meio às discussões da Assembleia Constituinte, a questão racial ganhou visibilidade, sendo articulada a demandas por cidadania, direitos sociais e reconhecimento histórico. Dessa forma, a memória da abolição passou a ser mobilizada não apenas como referência ao passado, mas como instrumento político no presente, evidenciando a relação direta entre memória, identidade e luta social. Ao dar visibilidade a narrativas que evidenciam a incompletude da liberdade, esses registros contribuíram para deslocar o foco da celebração para a crítica, consolidando o centenário de 1988 como um momento de inflexão na memória histórica brasileira.

Diante desse cenário, torna-se possível compreender por que o carnaval carioca, naquele mesmo ano, assumiu um papel central nesse processo de disputa simbólica. Os sambas-enredo das escolas de samba, especialmente os da Estação Primeira de Mangueira e da Unidos de Vila Isabel, não apenas dialogaram com esse contexto, mas o traduziram em linguagem estética, musical e performática, transformando a Avenida em um espaço de reflexão crítica sobre a história e o presente da população negra no Brasil. Nesse sentido, a centralidade do carnaval em 1988 não pode ser compreendida de forma isolada, mas como parte de um contexto mais amplo de disputas simbólicas em torno da memória da abolição e dos significados da liberdade no Brasil.

Portanto, esse conceito tão complexo, no contexto brasileiro, deve ser entendido em três dimensões interligadas: a formal, garantida pela Lei Áurea e pela Constituição; a material, ainda distante para grande parte da população negra; e a simbólica, construída nas práticas culturais e nos espaços de resistência. Ao articular essas dimensões, é possível perceber que a liberdade no Brasil é simultaneamente conquista, ausência e horizonte de luta. Essas reflexões sobre os múltiplos sentidos da liberdade no Brasil indicam que a conquista legal não é suficiente para assegurar igualdade e cidadania plena. A liberdade, enquanto direito formal, apenas se realiza quando acompanhada de condições materiais, reconhecimento cultural e prática social efetiva. Nesse contexto, a cultura popular surge como espaço privilegiado de expressão e resistência, permitindo que grupos historicamente marginalizados narrassem suas próprias histórias e questionassem narrativas hegemônicas.

Ao refletir sobre a liberdade no contexto brasileiro, é inevitável perceber que sua dimensão simbólica encontra expressão concreta nas manifestações culturais, especialmente naquelas produzidas pelas comunidades negras. O Carnaval, enquanto espaço público e popular, torna-se palco privilegiado para a articulação entre memória histórica, crítica social e construção de identidade. Nesse sentido, o samba e os desfiles das escolas de samba cariocas não podem ser compreendidos apenas como formas de entretenimento, mas como instrumentos de educação cultural e política que traduzem, por meio de imagens, ritmos e narrativas, tanto as experiências quanto as ausências da liberdade no Brasil.

Essas manifestações expressam dimensões da liberdade discutidas ao longo do século XX, ao mesmo tempo em que revelam seus limites e negações nas práticas sociais e culturais brasileiras. Conforme analisam Simas, Rufino e Haddock-Lobo (2020), os saberes e vivências das comunidades populares, historicamente marcadas pelo racismo e pela exclusão estrutural, não apenas resistem às violências do Estado e da sociedade, mas reinventam cotidianamente formas de existência. Dessa forma, a liberdade não se reduz a uma conquista jurídica do passado, sendo vivida como uma luta contínua, encarnada em práticas culturais que reorganizam modos de viver, resistir e produzir sentido no espaço social brasileiro.

No centenário da abolição, em 1988, essas discussões ganharam visibilidade na Avenida Marquês de Sapucaí. Escolas de samba como a Mangueira transformaram o desfile em fórum de debate histórico, questionando a eficácia da liberdade legal e denunciando as persistentes desigualdades sociais e raciais. Assim, a transposição do conceito de liberdade do plano teórico para a prática cultural permite analisar como a arte popular, por meio do carnaval, articula memória, resistência e protagonismo negro, abrindo espaço para uma reflexão crítica sobre a história e o presente da população negra no Brasil.

As reflexões sobre liberdade formal, material e simbólica apresentam uma base sólida para compreender o papel do carnaval como espaço de debate político e cultural. No Rio de Janeiro de 1988, as escolas de samba assumiram o desafio de traduzir essas dimensões em narrativas visuais, musicais e coreográficas, propondo uma leitura crítica do centenário da abolição. Assim, ao analisar os sambas, é possível perceber como conceitos teóricos se materializam em práticas culturais que dialogam

diretamente com a população, permitindo que memória, resistência e identidade negra sejam transmitidas de forma acessível e sensorial.

Além disso, essa articulação entre teoria e prática cultural evidencia que o samba-enredo e os desfiles das escolas de samba funcionam como instrumentos de educação popular, capazes de reinterpretar narrativas históricas e denunciar desigualdades persistentes. Diante desse cenário, os sambas-enredo de 1988, da Mangueira e da Vila Isabel, não se limitam à performance estética; constituem-se em projetos de transformação social, traduzindo a liberdade em ação coletiva e memória viva.

## **2. ESCOLA DE SAMBA MANGUEIRA: “CEM ANOS DE LIBERDADE: REALIDADE OU ILUSÃO?”**

É justamente nesse entrelaçamento entre liberdade formal, desigualdades persistentes e expressão cultural que se insere o samba da Escola de Samba Mangueira em 1988. Ao escolher o enredo “Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?”, a Mangueira não apenas celebrou a história, mas também questionou criticamente a efetividade da abolição da escravidão, transformando o carnaval em palco de educação popular, memória e resistência. Dessa forma, a análise do samba-enredo permite compreender como conceitos teóricos de liberdade se materializam em práticas culturais e simbólicas, consolidando seu papel como instrumento de reflexão social e afirmação identitária.

O desfile da Mangueira em 1988 marcou o centenário da abolição da escravidão no Brasil, período que coincidiu com os primeiros anos da redemocratização após duas décadas de regime militar. Nesse contexto, o Carnaval do Rio de Janeiro consolidou-se como um espaço de expressão política, cultural e social. Mais do que mero espetáculo, o desfile do Grupo Especial tornou-se um veículo de reflexão histórica, identidade e resistência negra, permitindo que a narrativa oficial sobre a abolição fosse contestada e ressignificada.

A Mangueira escolheu como tema o enredo “Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?”, questionando a celebração oficial da Lei Áurea e apontando as desigualdades persistentes na sociedade brasileira. O desfile transformou a Marquês de Sapucaí em palco de educação popular, memória e crítica social. Isso porque após o fim da ditadura militar em 1985, o país estava reconstruindo instituições democráticas e redefinindo a cidadania. Paralelamente, o centenário da abolição da escravidão trouxe à tona debates sobre a efetividade da liberdade formal e as lacunas históricas de inclusão social. O movimento negro daquele ano, por meio do “13 de Maio – Dia de Luto”, denunciava que a abolição fora resultado da resistência negra, e não de uma concessão humanitária. Os dados de exclusão econômica e social indicavam que, mesmo um século depois, os descendentes de escravizados ainda enfrentavam pobreza, racismo estrutural e marginalização (Nascimento, 1980). A Mangueira situou-se nesse contexto, utilizando o desfile como ferramenta de questionamento e resistência.

Em questões de estrutura e técnica, o desfile de 1988 foi planejado com rigor técnico e narrativa visual coerente. A escola estruturou seu enredo em três blocos temáticos: O período escravocrata, em que as alas retrataram correntes, grilhões e cenas do cotidiano da escravidão, enfatizando o sofrimento e a resistência silenciosa dos negros; A abolição: a crítica à Lei Áurea foi representada por personagens históricos e pela ausência de mudanças reais para a população negra, evidenciando que a liberdade legal não se traduziu em liberdade concreta e a Liberdade “moderna”: favelas estilizadas, crianças e jovens negros em movimentos de capoeira e dança simbolizavam a continuidade da luta, a persistência cultural e a resiliência social. (LIESA, 1988).

Os carros alegóricos “A Mãe Preta” e “A esperança que vem do povo” reforçaram o protagonismo feminino e comunitário, traduzindo em imagens a centralidade da cultura negra na narrativa da liberdade. A iluminação, o posicionamento das alas e a coreografia dos passistas foram utilizados para guiar a interpretação do público, construindo uma experiência sensorial de crítica e reflexão.

Letra completa do samba-enredo:

Neste carnaval, mesmo ausente  
O nosso presidente está presente  
Canta,

Mangueira O negro samba, negro joga a  
capoeira, ô Ele é o rei na verde e rosa  
da Mangueira O negro samba, negro  
joga a capoeira, ô Ele é o rei na verde e  
rosa da Mangueira

Será, será  
Que já raiou a liberdade  
Ou se foi tudo ilusão?

Será, ô, será  
Que a Lei Áurea tão sonhada  
Há tanto tempo assinada  
Não foi o fim da escravidão?

Hoje  
Dentro da realidade  
Onde está a liberdade?  
Onde está, que ninguém viu?

Moço  
Não se esqueça que o negro também  
construiu  
As riquezas do nosso Brasil

Moço  
Não se esqueça que o negro também  
construiu  
As riquezas do nosso Brasil

Mas pergunte, pergunte ao Criador  
Pergunte ao Criador

Quem pintou esta aquarela  
Livre do açoite da senzala  
Preso na miséria da favela  
Pergunte, pergunte ao

Criador  
Pergunte ao Criador

Quem pintou esta  
 aquarela Livre do açoite  
 da senzala A tristeza do  
 negro acabou Foi uma  
 nova redenção Senhor, ai,  
 Senhor  
 Eis a luta do bem contra o  
 mal Que tanto sangue  
 derramou Contra o  
 preconceito racial  
 Senhor, ai, Senhor  
 Eis a luta do bem contra o  
 mal Que tanto sangue  
 derramou Contra o  
 preconceito racial  
 O negro samba, negro joga a capoeira, ô  
 Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira  
 O negro samba, negro joga a capoeira, ô  
 Ele é o rei na verde e rosa da Mangueira  
 Será, será  
 Que já raiou a liberdade  
 Ou se foi tudo ilusão?  
 Será, ô, será  
 Que a Lei Áurea tão sonhada  
 Há tanto tempo assinada  
 Não foi o fim da escravidão?  
 Hoje  
 Dentro da realidade  
 Onde está a liberdade?  
 Onde está, que ninguém viu?"  
 Preso na miséria da  
 favela  
 Sonhei, sonhei  
 Que Zumbi dos Palmares voltou  
 (Turco, H.; Alvinho; Jurandir, 1988.)

O samba-enredo de 1988, composto por Hélio Turco, Alvinho e Jurandir, funcionou como narrativa principal, conduzindo o público pela história da abolição e pela reflexão crítica sobre a liberdade. Trechos como “Será, será / Que já raiou a liberdade

/ Ou se foi tudo ilusão?” e “Moço / Não se esqueça que o negro também construiu / As riquezas do nosso Brasil” questionam diretamente a narrativa oficial e evidenciam o apagamento histórico do protagonismo negro.

A análise da letra do samba-enredo permite compreender de que maneira a Mangueira construiu uma narrativa crítica sobre o centenário da abolição, problematizando o significado da liberdade e permitindo compreender de que maneira o Carnaval pode se transformar em espaço privilegiado de reflexão histórica e crítica social. Inserido no contexto das comemorações do centenário da abolição da escravidão, o enredo da Mangueira propõe uma leitura profundamente crítica desse marco histórico, questionando a narrativa tradicional que apresenta o fim da escravidão como momento de libertação plena da população negra no Brasil.

Desde o título do samba, a pergunta sobre a liberdade, se ela é realidade ou ilusão, estabelece o eixo interpretativo da narrativa. Ao formular essa questão, a escola desloca o debate sobre a abolição do campo comemorativo para o campo da problematização histórica. Em vez de reafirmar a ideia de uma conquista definitiva da liberdade em 1888, o samba convida o público a refletir sobre as continuidades das desigualdades sociais e raciais que marcaram a sociedade brasileira após o fim formal da escravidão.

Nas primeiras estrofes da narrativa, a letra remete ao sofrimento vivido pela população negra durante o período escravista. A evocação da violência e da exploração que caracterizaram o sistema escravista estabelece o ponto de partida da reflexão histórica proposta pelo enredo. Ao recuperar essa memória, o samba reforça a ideia de que a escravidão não pode ser compreendida apenas como episódio distante do passado, mas como elemento estruturante da formação social brasileira.

Essa perspectiva dialoga com interpretações historiográficas que enfatizam o caráter estrutural da escravidão na constituição da sociedade brasileira. O sociólogo Clóvis Moura argumenta que o sistema escravista moldou profundamente as relações sociais, econômicas e raciais do país, produzindo desigualdades que se estenderam muito além do momento da abolição (Moura, 1994). Nesse sentido, o samba da Mangueira ecoa uma leitura crítica da história brasileira ao sugerir que os efeitos da es- cravidão permanecem presentes na estrutura social contemporânea.

À medida que a narrativa avança, o samba desloca o foco para o momento da abolição da escravidão. No entanto, essa passagem não aparece como momento de celebração, mas como ponto de inflexão que revela as contradições do processo histórico. A liberdade proclamada pela Lei Áurea é apresentada como incompleta, pois não foi acompanhada por políticas de integração social capazes de garantir condições dignas de vida para a população recém-liberta.

Historicamente, a ausência de medidas como acesso à terra, educação e oportunidades econômicas contribuiu para a marginalização social de grande parte da população negra após 1888. O historiador Florestan Fernandes demonstrou que o processo de abolição no Brasil ocorreu sem uma transformação efetiva das estruturas sociais, resultando na permanência de desigualdades raciais profundas (Fernandes, 2008). A leitura proposta pelo samba dialoga diretamente com essa interpretação ao questionar o alcance real da liberdade conquistada.

O samba-enredo avança então para o presente histórico do desfile, estabelecendo uma relação direta entre o passado escravista e as desigualdades observadas na sociedade brasileira do século XX. A letra sugere que as dificuldades enfrentadas pela população negra, como a marginalização econômica, a precarização do trabalho e o acesso limitado à educação, constituem heranças diretas de um processo histórico marcado pela exclusão. Essa aproximação entre passado e presente pode ser compreendida à luz das reflexões do filósofo Silvio Almeida, que define o racismo estrutural como um fenômeno que atravessa as instituições sociais e organiza as desigualdades presentes na sociedade (Almeida, 2019). Embora o conceito tenha sido formulado posteriormente, a crítica presente no samba da Mangueira antecipa essa interpretação ao evidenciar a persistência de desigualdades raciais mesmo após a abolição formal da escravidão.

Ao transformar o desfile carnavalesco em espaço de denúncia social, a Mangueira reafirma o potencial político das escolas de samba. Como observa o historiador Luiz Antonio Simas, as escolas de samba podem ser compreendidas como territórios de produção de saberes populares e de elaboração simbólica da experiência histórica das comunidades que as compõem (Simas; Fabato, 2015). Nesse sentido, o desfile carnavalesco ultrapassa o campo do entretenimento e se torna também forma de intervenção cultural e política. O refrão do samba sintetiza essa proposta crítica ao reiterar a pergunta sobre o significado da liberdade conquistada cem anos antes. Ao transformar essa interrogação em canto coletivo, o desfile convida o público a participar de uma reflexão mais ampla sobre a história do país e sobre as desigualdades que continuam a marcar a sociedade brasileira.

Dessa forma, o samba-enredo da Mangueira em 1988 revela-se como poderosa narrativa histórica construída a partir da experiência social das comunidades que compõem o universo do samba. Ao articular memória da escravidão, crítica à abolição incompleta e denúncia das desigualdades contemporâneas, o enredo demonstra como o Carnaval pode funcionar como espaço de produção de conhecimento histórico e de reflexão crítica sobre a realidade brasileira. A repetição da interrogação enfatiza a dúvida coletiva sobre a efetividade da abolição, transformando o samba em instrumento de denúncia social e reflexão política.

Além disso, referências a Zumbi dos Palmares e à resistência quilombola resgatam a memória histórica da luta negra, enquanto a menção à capoeira e ao samba

valoriza a cultura como espaço de afirmação identitária. Para Stuart Hall (2003), práticas culturais como o samba funcionam como instrumentos de “política da representação”, em que grupos subalternos narram sua própria história e reivindicam espaço na sociedade.

Pesquisadores como Clóvis Moura (1998) destacam que, nesse período, o Carnaval se consolidava como “espaço de resistência cultural”, onde a arte e a política se entrelaçam para produzir consciência social. O impacto transcendeu a avenida: escolas, coletivos negros e pesquisadores utilizaram o desfile como referência para estudos sobre memória, identidade e desigualdade racial. O samba-enredo e as alegorias transformaram-se em documentos históricos de crítica social, ressignificando o papel do Carnaval na construção da cidadania.

O desfile de 1988 demonstrou que a Mangueira não se limitava à estética ou ao entretenimento. A escola atuou como sujeito histórico, reinterpretando o significado da abolição, dando voz à população negra e mostrando que a liberdade formal não se traduz em liberdade vivida (Nascimento, 1980). A centralidade da experiência negra na narrativa do desfile reafirmou a importância da memória cultural como instrumento de resistência (Gonzalez, 1988). Ao combinar música, dança, alegorias e coreografia, a Mangueira estruturou um enredo que transcendeu a Marquês de Sapucaí, consolidando-se como exemplo de como o Carnaval pode ser ferramenta de educação popular, crítica social e valorização da cultura negra.

O samba-enredo da verde e rosa em 1988 evidencia que o Carnaval é mais do que entretenimento: é espaço de contestação histórica, educação social e afirmação identitária. A Mangueira, ao questionar a liberdade formal e denunciar a persistência do racismo estrutural, reforça o papel das escolas de samba como agentes de transformação cultural e social. A análise do samba-enredo, das alegorias e da recepção crítica demonstra que o Carnaval pode funcionar como instrumento pedagógico e político, consolidando-se como prática de resistência cultural e memória coletiva.

### 3. ESCOLA DE SAMBA VILA ISABEL: “KIZOMBA, FESTA DA RAÇA”

Enquanto a Mangueira optou por confrontar criticamente a narrativa oficial da liberdade, questionando a efetividade da abolição e denunciando desigualdades persistentes, outras escolas de samba, como a Vila Isabel, adotaram estratégias complementares. Ao invés de centrar-se na crítica direta, a Vila Isabel celebrou conquistas culturais e resgatou a ancestralidade afro-brasileira como forma de resistência simbólica. Essa diversidade de abordagens demonstra que o Carnaval de 1988 ofereceu múltiplas leituras sobre liberdade, memória e identidade, construindo um panorama abrangente do papel sociocultural das escolas de samba no debate sobre cidadania e justiça histórica.

O desfile da Escola de Samba Vila Isabel em 1988 aconteceu em um momento histórico de grande significância: o centenário da abolição da escravidão no Brasil, coincidindo com os primeiros anos da redemocratização. Enquanto algumas escolas, como a Mangueira, optaram por uma abordagem crítica à persistência das desigualdades, a Vila Isabel escolheu celebrar a riqueza da cultura afro-brasileira, resgatando a ancestralidade e promovendo uma reflexão positiva e afirmativa da identidade negra. O enredo “Kizomba, Festa da Raça”, criado por Martinho da Vila e desenvolvido pelo carnavalesco Milton Cunha, propôs uma narrativa que integra memória, resistência e afirmação cultural, reforçando o Carnaval como espaço de educação popular e transformação social.

O termo “Kizomba”, de origem quimbundo, significa “festa” ou “encontro”, e no contexto do enredo simboliza tanto a celebração das raízes africanas quanto a reconstrução simbólica de uma identidade fragmentada pela diáspora. Em 1988, o Brasil ainda lidava com os resquícios de duas décadas de regime militar, buscando consolidar a democracia e redefinir o conceito de cidadania. Nesse contexto, a Vila Isabel posicionou-se como escola que transforma a avenida em espaço de celebração da resistência e da ancestralidade. O desfile reafirmou que a liberdade verdadeira está vinculada não apenas à eliminação formal da escravidão, mas também ao reconhecimento cultural, à valorização da memória histórica e à dignidade do povo negro (Mu-nanga, 2006).

Letra completa do samba-enredo:

Valeu Zumbi!  
O grito forte dos Palmares

Que correu terras, céus e  
 mares Influenciando a  
 abolição  
 Zumbi valeu!  
 Hoje a Vila é Kizomba  
 É batuque, canto e  
 dança Jongô e  
 maracatu  
 Vem menininha pra dançar o caxambu  
 Ôô, ôô, Nega  
 Mina Anastácia não se deixou  
 escravizar  
 Ôô, ôô Clementina  
 O pagode é o partido popular  
 Sacerdote ergue a taça  
 Convocando toda a massa  
 Neste evento que congraça  
 Gente de todas as raças  
 Numa mesma emoção  
 Esta Kizomba é nossa Constituição  
 Que magia  
 Reza, ajeum e orixás  
 Tem a força da cultura  
 Tem a arte e a bravura  
 E um bom jogo de  
 cintura Faz valer  
 seus ideais  
 E a beleza pura dos seus rituais  
 Vem a Lua de Luanda  
 Para iluminar a rua  
 Nossa sede é nossa sede  
 E que o apartheid se destrua  
 (Da Vila, L.; De Souza; Rodrigues, J., 1988).

O samba-enredo, composto por Rodolpho de Souza, Jonas Rodrigues e Luiz Carlos da Vila, estruturou a narrativa do desfile, conectando passado e presente de maneira poética e didática. Versos como “Valeu, Zumbi / O grito forte dos Palmares / Que correu terras, céus e mares / Influenciando a abolição...” reafirmam a resistência negra, homenageando figuras históricas e manifestações culturais. A construção do samba enfatiza a continuidade histórica, permitindo que o público compreenda a liberdade como processo coletivo e duradouro.

A análise da letra do samba-enredo permite compreender de que maneira a Vila Isabel construiu uma narrativa crítica sobre o centenário da abolição, problematizando o significado da liberdade na sociedade brasileira e de que maneira as escolas de samba podem funcionar como espaços de elaboração simbólica da história e da identidade cultural brasileira. Inserido no contexto das comemorações do centenário da abolição da escravidão, o enredo dialoga diretamente com debates que ganharam força na sociedade brasileira na década de 1980, período marcado pelo fortalecimento dos movimentos negros e pela revisão crítica das narrativas tradicionais sobre a abolição.

Ao contrário de leituras que enfatizam exclusivamente a denúncia das desigualdades sociais decorrentes da abolição incompleta, a proposta narrativa da Vila Isabel constrói-se a partir de uma perspectiva afirmativa. O samba privilegia a valorização da ancestralidade africana e destaca as contribuições culturais afro-brasileiras para a formação da sociedade brasileira. Essa abordagem revela uma estratégia narrativa que busca afirmar a identidade negra por meio da celebração da cultura e da memória coletiva.

Nas estrofes iniciais do samba, a evocação de rituais e cantos ancestrais estabelece uma atmosfera simbólica que remete às tradições africanas. Ao deslocar o ponto de partida da narrativa para a ancestralidade africana, o enredo rompe com uma tradição historiográfica que frequentemente reduziu a história africana à experiência da escravidão. Ao contrário, a África é apresentada como espaço de civilizações, culturas e saberes que atravessaram o Atlântico e contribuíram de maneira decisiva para a formação cultural brasileira. Essa perspectiva aproxima-se de interpretações defendidas por estudiosos da experiência afro-brasileira. O sociólogo Clóvis Moura argumenta que a história da população negra no Brasil deve ser compreendida não apenas a partir da escravidão, mas também a partir das múltiplas formas de resistência cultural e política que marcaram essa trajetória (Moura, 1994). Nesse sentido, manifestações culturais como o samba podem ser interpretadas como espaços de preservação de memória coletiva e de afirmação identitária.

Ao longo do desenvolvimento da narrativa, o samba destaca diferentes expressões culturais afro-brasileiras que foram preservadas e recriadas ao longo do tempo. A presença dessas manifestações evidencia a capacidade de resistência cultural da população negra diante das violências impostas pelo sistema escravista. Mesmo em contextos de opressão, tradições, valores e práticas culturais foram mantidos e transformados, contribuindo para a construção de identidades coletivas. Essa interpretação dialoga também com as reflexões da antropóloga e intelectual Lélia Gonzalez, que destaca a centralidade da cultura negra na formação da sociedade brasileira (Gonzalez, 1988). Para Gonzalez, a influência africana não deve ser compreendida apenas como herança histórica, mas como elemento vivo que continua a moldar práticas culturais, linguagens e formas de sociabilidade no Brasil contemporâneo.

Nesse contexto, a noção de “kizomba” assume papel central na estrutura simbólica do enredo. De origem africana, o termo remete a um encontro festivo marcado

pela comunhão e pela celebração coletiva. No samba-enredo da Vila Isabel, a kizomba aparece como metáfora da união e da resistência cultural. A festa evocada pela letra não se restringe à dimensão do entretenimento; ela representa a capacidade de transformar experiências históricas de dor em formas de expressão cultural e de afirmação identitária.

A centralidade da festa como forma de produção cultural e de resistência simbólica também foi analisada por estudiosos do Carnaval. O historiador Luiz Antonio Simas destaca que as escolas de samba podem ser compreendidas como territórios de produção de saberes populares e de elaboração simbólica da experiência histórica das comunidades que as compõem (Simas; Fabato, 2015). Nesse sentido, o desfile carnavalesco funciona como espaço de construção narrativa no qual memórias coletivas são compartilhadas e reinterpretadas.

Além disso, estudos sobre a história do samba indicam que as escolas de samba surgiram como espaços de sociabilidade e afirmação cultural das populações negras e periféricas do Rio de Janeiro. Pesquisadores como Hermano Vianna demonstram que o samba se consolidou como expressão cultural capaz de articular tradições afro-brasileiras, experiências urbanas e processos de construção identitária (Vianna, 1995). Nesse contexto, os sambas-enredo e os desfiles carnavalescos tornaram-se momentos privilegiados de visibilidade cultural e de elaboração simbólica da história social brasileira.

O refrão do samba da Vila Isabel sintetiza essa proposta narrativa ao convidar o público a participar da chamada “festa da raça”. A estrutura musical simples e de fácil assimilação favorece o canto coletivo e amplia a participação popular no desfile. Esse momento transforma a narrativa histórica construída ao longo do samba em experiência compartilhada, reforçando o caráter comunitário da celebração.

Dessa forma, o samba-enredo apresentado pela Vila Isabel em 1988 constrói uma narrativa histórica que articula memória, ancestralidade e afirmação identitária. Ao enfatizar a valorização da cultura afro-brasileira e a celebração da identidade negra, o enredo propõe uma leitura da história que não se limita à memória da opressão, mas também reconhece a criatividade cultural e a capacidade de resistência das populações afrodescendentes. Nesse sentido, o desfile da Vila Isabel contribui para ampliar as formas de interpretação da história da abolição e da presença negra na sociedade brasileira. Mais do que espetáculo carnavalesco, o samba-enredo revela-se

como forma de produção de memória e reflexão histórica, demonstrando como o Carnaval pode funcionar como espaço privilegiado de elaboração simbólica da experiência social brasileira.

Segundo Stuart Hall (2003), práticas culturais como o samba funcionam como instrumentos de “política da representação”, em que grupos subalternos narram sua própria história. O enredo da Vila Isabel exemplifica essa perspectiva, utilizando a arte como ferramenta de educação histórica e afirmação identitária, consolidando o Carnaval como espaço de contestação e valorização cultural.

O desfile da Vila Isabel destacou-se pelo cuidado na composição visual e coreográfica. A comissão de frente representou orixás e entidades do candomblé, estabelecendo uma conexão direta entre tradição religiosa e memória histórica. As alas incorporaram rituais, símbolos da vida comunitária, e a riqueza da cultura afro-brasileira, como capoeira, culinária, dança e musicalidade. Carros alegóricos, como “O Terreiro Afro-Brasileiro”, reuniram passistas, músicos e representações de ancestrais, criando uma experiência sensorial completa para o público. A direção de alas foi estrategicamente pensada: cada movimento, cada passo de dança e cada gesto da comissão de frente foi coreografado para reforçar a narrativa do enredo, guiando o olhar do espectador e destacando elementos de importância histórica. Além disso, a iluminação e a disposição das alas contribuíram para enfatizar contrastes simbólicos: cores vivas e vibrantes nos momentos de celebração, tons mais sóbrios e profundos para remeter à memória da escravidão e da resistência. Essa integração entre música, coreografia, alegorias e efeitos visuais elevou o desfile a um nível de complexidade técnico-estético raro para a época, tornando-o referência em análise crítica do Carnaval de 1988.

A estrutura narrativa do desfile da Unidos de Vila Isabel em 1988, intitulado *Kizomba, Festa da Raça*, foi concebida de forma rigorosa e articulada, combinando história, simbolismo e crítica social em uma sequência coerente de quadros temáticos. Conforme a sinopse oficial do enredo, o desfile propunha uma reflexão sobre a influência negra na cultura universal, a situação do negro no mundo e o significado da abolição da escravidão, reafirmando Zumbi dos Palmares como símbolo de liberdade e resistência coletiva (Martinho da Vila; Cunha, M, 1988). A presença de quadros como o chamado “Quilombo da Democracia Racial” evidenciava a intenção de reunir,

simbolicamente, negros, brancos, indígenas e mestiços em torno de um projeto co-mum de igualdade e justiça social, reforçando a dimensão pedagógica e política do desfile.

A recepção do desfile foi amplamente positiva tanto por parte do público quanto da crítica especializada. Registros históricos e análises posteriores destacam que *Kizomba, Festa da Raça* foi considerado um dos sambas mais marcantes da história do carnaval carioca, sendo reconhecido pela força de sua narrativa, pela beleza visual e pela musicalidade do samba-enredo, fatores que contribuíram para a conquista do título de campeã do Carnaval de 1988. Mesmo em um contexto de limitações financeiras, a escola conseguiu articular coerência estética e densidade política, o que reforçou o impacto simbólico da apresentação. Além disso, a imprensa e estudos me-morialísticos ressaltam que o samba-enredo e o desfile ultrapassaram o caráter festivo, assumindo um papel relevante no debate público sobre identidade, cultura afro-brasileira e os limites da liberdade formal no centenário da abolição da escravidão. O reconhecimento de *Kizomba, Festa da Raça* como um dos maiores samba-enedos de todos os tempos confirma seu legado como manifestação artística comprometida com a ressignificação histórica e com a valorização da memória e da resistência negra no Brasil (O DIA, 2024).

O desfile incentivou discussões sobre ancestralidade, identidade negra e cultura afro-brasileira. Organizações e coletivos culturais utilizaram o samba-enredo como referência para ações educativas, mostrando que a valorização cultural é um caminho para construir liberdade real. Ao analisar o samba da Vila Isabel, nota-se que a escola demonstrou que resistência não é apenas crítica ou denúncia: é também afirmação de identidade e celebração da cultura. Valorizar a ancestralidade negra é um ato político, que fortalece a autoestima, a memória histórica e a cidadania cultural. A abordagem afirmativa da Vila Isabel complementa a abordagem crítica da Mangueira, mostrando que diferentes estratégias podem dialogar com o mesmo tema — liberdade e memória negra — e produzir efeitos diversos: uma crítica direta à desigualdade e uma celebração da resistência e cultura afro-brasileira. Essa complementaridade amplia o entendimento do Carnaval como prática de resistência e educação social.

O desfile de 1988 consolidou a Vila Isabel como agente de ressignificação histórica e cultural. Ao valorizar heróis, rituais e manifestações afro-brasileiras, a escola

demonstrou que a liberdade simbólica pode ser construída através da memória, da arte e da educação popular. Essa abordagem reforça a ideia de que liberdade é multidimensional: envolve não apenas direitos formais, mas também valorização cultural, memória histórica e autoestima coletiva.

O Carnaval, assim, assume papel central na construção da liberdade simbólica, permitindo que comunidades marginalizadas reescrevam sua história e reivindiquem protagonismo social. A Vila Isabel exemplifica como arte, memória e resistência se articulam, transformando a avenida em espaço de aprendizagem, reflexão e celebração.

## CONCLUSÃO

A análise dos sambas-enredo Cem Anos de Liberdade: Realidade ou Ilusão?, da Estação Primeira de Mangueira, e Kizomba, Festa da Raça, da Unidos de Vila Isabel, permite compreender como o Carnaval de 1988 se tornou um espaço privilegiado de elaboração simbólica da memória da abolição da escravidão no Brasil. Mais do que simples produções artísticas voltadas para o espetáculo carnavalesco, esses enredos revelam diferentes formas de interpretar o passado e de refletir sobre o lugar da população negra na sociedade brasileira contemporânea.

Ambas as escolas dialogam diretamente com o contexto histórico do centenário da abolição, momento em que a sociedade brasileira foi convocada a revisitar esse episódio fundamental da história nacional. No entanto, cada uma constrói uma abordagem narrativa própria, evidenciando a pluralidade de interpretações possíveis sobre o significado da liberdade conquistada em 1888.

No caso da Mangueira, a narrativa assume caráter fortemente crítico. O samba questiona a eficácia da liberdade proclamada pela Lei Áurea e evidencia as continuidades das desigualdades raciais e sociais ao longo do século XX. Ao formular a pergunta sobre se a liberdade é realidade ou ilusão, o enredo problematiza a narrativa oficial da abolição e convida o público a refletir sobre a permanência de estruturas sociais que mantêm a população negra em condições de marginalização. Essa leitura aproxima-se das interpretações desenvolvidas por autores como Florestan Fernandes, que demonstrou como a abolição ocorreu sem promover transformações estruturais capazes de garantir a integração social da população negra.

Já o samba da Vila Isabel adota uma estratégia narrativa distinta. Em vez de centrar sua abordagem na crítica direta às desigualdades sociais, o enredo enfatiza a valorização da ancestralidade africana e das contribuições culturais afro-brasileiras para a formação da identidade nacional. Ao mobilizar o conceito de “kizomba”, entendido como encontro festivo e celebração coletiva, a escola constrói uma narrativa marcada pela afirmação da identidade negra e pela celebração da resistência cultural. Essa perspectiva dialoga com reflexões desenvolvidas por intelectuais como Lélia Gonzalez, que destacou a centralidade da cultura afro-brasileira na constituição da sociedade brasileira.

A comparação entre os dois sambas evidencia que, embora partam de estratégias narrativas distintas, ambos contribuem para ampliar o debate público sobre a história da abolição e sobre as condições sociais da população negra no Brasil. Enquanto a Mangueira enfatiza a denúncia das desigualdades estruturais que persistem após o fim da escravidão, a Vila Isabel aposta na valorização da cultura afro-brasileira como forma de afirmação identitária e de reconhecimento histórico.

Nesse sentido, os dois enredos podem ser compreendidos como narrativas complementares. A crítica social presente no samba da Mangueira evidencia os limites históricos da abolição, enquanto a celebração da ancestralidade africana proposta pela Vila Isabel destaca a capacidade de resistência cultural e de reinvenção das populações afrodescendentes. Juntos, esses sambas revelam a complexidade das experiências históricas da população negra no Brasil e demonstram como o Carnaval pode funcionar como espaço de produção de memória, reflexão histórica e afirmação cultural.

Como observa o historiador Luiz Antonio Simas, as escolas de samba constituem importantes territórios de elaboração simbólica da experiência histórica das comunidades populares, produzindo narrativas que articulam memória, identidade e crítica social. Nesse sentido, os sambas de enredo ultrapassam o campo do entretenimento e se afirmam como manifestações culturais capazes de dialogar com debates históricos e políticos mais amplos.

Assim, o Carnaval de 1988 evidencia o potencial das escolas de samba como produtoras de interpretações sobre a história nacional. Ao mobilizar poesia, música e performance para refletir sobre o significado da abolição, Mangueira e Vila Isabel demonstram que o samba-enredo pode funcionar como forma de historiografia popular, na qual diferentes visões sobre o passado são elaboradas, disputadas e compartilhadas no espaço público da festa.

A análise comparativa desses dois sambas-enredo evidencia que o Carnaval de 1988 funcionou como um importante espaço de elaboração simbólica da memória da abolição. Ao mesmo tempo em que a Mangueira enfatizou os limites históricos da liberdade conquistada em 1888, a Vila Isabel destacou a força da ancestralidade africana e das manifestações culturais afro-brasileiras como formas de resistência e afirmação identitária. Dessa maneira, os dois sambas revelam perspectivas distintas, porém complementares, sobre a experiência histórica da população negra no Brasil.

A partir dessa leitura, torna-se possível refletir de forma mais ampla sobre o papel das escolas de samba na construção de interpretações críticas da história nacional.

Os desfiles atuaram como mecanismos de memória coletiva, oferecendo contra memórias em relação à versão oficial da história. Mangueira problematizou a liberdade formal concedida aos ex-escravizados, apresentando imagens da exclusão social, da marginalização e da luta cotidiana do povo negro. A Vila Isabel, por outro lado, celebrou a cultura afro-brasileira, valorizando práticas como o candomblé, a capoeira e o samba, transformando a memória da diáspora em força de resistência. Segundo Jacques Le Goff (1990), a memória coletiva se constrói por meio de rituais, símbolos e narrativas compartilhadas. Nesse sentido, os desfiles de 1988 funcionaram como ritos performativos que resgataram vozes históricas silenciadas e educaram o público sobre as complexidades da liberdade negra no Brasil.

Os sambas-enredo de Mangueira e Vila Isabel atuaram como instrumentos de historiografia popular. Na Mangueira, a letra enfatizou a denúncia da marginalização e da continuidade do racismo, questionando a eficácia da abolição. No samba da Vila Isabel, a letra exaltou a ancestralidade, mostrando que a liberdade verdadeira envolve reconhecimento cultural e valorização identitária.

Além disso, esses sambas inspiraram novos enredos de carnaval, abordando temas como genocídio da juventude negra, intolerância religiosa e luta por moradia, mostrando a continuidade da tradição de crítica social iniciada em 1988. Os sambas-enredo deste ano consolidaram o Carnaval como território de disputa simbólica e política. Mangueira e Vila Isabel demonstraram que o samba é mais do que entretenimento: é ferramenta de resistência, de denúncia e de construção de identidade. O impacto cultural desses eventos perdura até hoje, sendo estudado em pesquisas acadêmicas, reproduzido em festivais de cultura negra e utilizado em movimentos sociais. Como escreve Luiz Antonio Simas (2016), o samba funciona como historiografia popular: uma forma de narrar a história do povo por meio da poesia, do batuque e da performance. Os desfiles de 1988 revelaram que a liberdade simbólica e cultural é construída por meio da memória, da arte e da resistência coletiva.

A análise dos sambas-enredo da Mangueira e Vila Isabel evidencia que o Carnaval de 1988 foi um marco de politização e ressignificação cultural no Brasil. As escolas atuaram como narradoras da história negra, questionando a versão oficial da abolição e celebrando a riqueza da cultura afro-brasileira. O legado desses eventos é

múltiplo: fortaleceu a memória coletiva, educou gerações, inspirou novas produções artísticas e consolidou o samba como ferramenta de resistência e historiografia popular. Mais de três décadas depois, a mensagem permanece clara: o samba não apenas canta, ele conta, denuncia e resiste. Mangueira e Vila Isabel provaram que a avenida pode ser um espaço de beleza estética e de profundidade política, transformando a festa popular em ato histórico e pedagógico de afirmação negra.

Esses sambas-enredo e desfiles de 1988 revelam que o Carnaval é um campo fértil para investigação interdisciplinar, articulando história, sociologia, artes, educação e estudos culturais. A partir deste trabalho, diversas frentes de pesquisa podem ser exploradas para aprofundar a compreensão do papel das escolas de samba na construção da memória, identidade e resistência negra. Uma primeira possibilidade envolve o estudo comparativo de sambas históricos, analisando como diferentes escolas abordaram temas sociais e políticos em distintos períodos, especialmente em outros aniversários da abolição ou em contextos de crise política e social. Essa linha permitiria mapear continuidades e rupturas nas estratégias de denúncia, celebração e afirmação cultural. Outra perspectiva consiste em investigar a recepção do público ao longo do tempo, considerando como espectadores percebem e interpretam os diferentes sambas em diferentes décadas. Pesquisas etnográficas e entrevistas podem revelar como as narrativas históricas e culturais transmitidas pelo samba-enredo impactam a formação da consciência social e a construção de identidade coletiva, oferecendo novas interpretações sobre a eficácia educativa da arte popular.

O estudo também pode ser ampliado para a dimensão pedagógica e escolar, examinando o uso de sambas-enredo, alegorias e performances como ferramentas didáticas no ensino da História e da Cultura Afro-brasileira. Investigar como escolas e professores incorporam o carnaval como recurso educativo pode contribuir para compreender o alcance da memória cultural na formação cidadã de jovens e crianças. Além disso, há espaço para pesquisas sobre representação, performance e estética, explorando a relação entre cores, coreografias, alegorias e música como elementos de comunicação simbólica e de disputa cultural. Essa abordagem permitiria aprofundar o entendimento sobre como a linguagem estética do carnaval atua como veículo de resistência e construção identitária. Por fim, estudos futuros podem investigar a interseção entre cultura popular e políticas públicas, analisando como movimentos

sociais, coletivos culturais e instituições governamentais utilizam o Carnaval para promover inclusão, igualdade racial e visibilidade da cultura afro-brasileira. A avaliação do impacto social e político dos desfiles e sambas-enredo contemporâneos comparados aos históricos, como os de 1988, oferece oportunidade para compreender a evolução da função social do carnaval no Brasil.

Em síntese, o trabalho realizado neste estudo abre um vasto campo de pesquisa interdisciplinar, reforçando que o Carnaval é mais do que festa popular: é espaço de memória, resistência, educação e reflexão sobre a sociedade brasileira. As escolas de samba, ao resgatar histórias silenciadas e promover a valorização cultural, continuam oferecendo múltiplas possibilidades de investigação para entender como a cultura popular molda identidades, narra o passado e orienta muitos caminhos no presente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Tradução de José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado da et al. *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1988.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HISTÓRIA VIVA. Carnaval e resistência negra: os desfiles de 1988 no Rio de Janeiro. *Revista de Estudos Culturais*, v. 12, n. 3, p. 45-67, 2015.
- JACKSON, Tiago. Memória, identidade e samba-enredo: o carnaval como educação popular. *Revista Brasileira de História da Arte*, v. 9, n. 2, p. 88-105, 2018.
- LE GOFF, Jacques. *A história e seus métodos: memória coletiva e narrativa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- LIESA – Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. *Abre-Alas: Carnaval 1988*. 1. ed. Rio de Janeiro: LIESA, 1988.
- DA VILA, Luiz Carlos; DE SOUZA, Rodolpho; RODRIGUES, Jonas. *Kizomba, Festa da Raça* [Letra do samba-enredo da Vila Isabel, 1988]. Rio de Janeiro: Escola de Samba Unidos de Vila Isabel, 1988.
- MOURA, Clóvis. *História do negro no Brasil: resistência e luta pela liberdade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- MOURA, Clóvis. *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Ática, 1994.
- MUNANGA, Kabengele. *Movimentos negros e identidade cultural no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 2006.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

O DIA. *Kizomba, Festa da Raça: um dos maiores sambas da história*. Rio de Janeiro, 2024.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *O 13 de maio e seus significados: história, memória e disputas*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2018.

SIMAS, Luiz Antonio. *Samba: história e memória da cidade*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.

SIMAS, Luiz Antonio; FABATO, Fábio. *Pra tudo começar na quinta-feira: o enredo dos enredos*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2015.

TURCO, H.; ALVINHO; JURANDIR. *Cem anos de liberdade: realidade ou ilusão?* [Letra do samba-enredo da Mangueira, 1988]. Rio de Janeiro: Estação Primeira de Mangueira, 1988.

VIANNA, Hermano. *O mistério do samba*. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

## AUDIOVISUAIS E MÍDIAS DIGITAIS

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *“13 de maio”: 137 anos da abolição da escravidão*. Instagram, 2025. Disponível em: [https://www.instagram.com/reel/DQxK\\_LfiMs4/](https://www.instagram.com/reel/DQxK_LfiMs4/). Acesso em: 24 mar. 2026.

BULBUL, Zózimo. *Abolição*. Rio de Janeiro: Centro de Informação e Documentação do Artista Negro (CIDAN), 1988. Documentário.

CULTNE. *RJTV 1988 - Centenário da Abolição*. YouTube, 2021a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GFCzHCsvkBc> Acesso em: 02 abr. 2026.

CULTNE. *Elé Semog na Marcha do Centenário da Abolição - 1988*. YouTube, 2021b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xuHcypjGZIs> Acesso em: 02 abr. 2026.

OLHAR ANTIGO. *Retrospectiva 1988 (Rede Globo) - Centenário da Abolição da Escravatura*. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.you-tube.com/watch?v=vrBohZnjfZw> Acesso em: 02 abr. 2026.